

COMÉRCIO POPULAR / Projeto de revitalização da praça, onde Feira da Troca se reúne sempre no primeiro fim de semana de cada mês, pode tirar artesãos de ponto tradicional de venda e escambo de produtos em Olhos d'Água

Mudança de feira causa polêmica

» NAUM GILÓ

A tradicional Feira da Troca, realizada sempre no primeiro fim de semana de cada mês, na área central de Olhos d'Água, em Alexânia de Goiás — a 105 quilômetros de Brasília — pode estar de mudança da Praça Santo Antônio, em frente à Igreja Matriz. Essa é a primeira vez, desde a criação do ponto comercial, que reúne artesãos da região e de outras partes do país, que o local não será utilizado para troca e venda de produtos, a partir de amanhã e domingo.

A decisão partiu da própria paróquia, ao anunciar que a área pertencente à Diocese de Anápolis passará por obras de revitalização. A deliberação eclesial foi anunciada em junho e dividiu opiniões na comunidade de Olhos d'Água.

A artesã ceramista Hilda Freire, 46 anos, moradora do vilarejo e participante assídua do evento, vê a mudança como uma descaracterização da tradição. “A feira sempre foi ali. É um lugar central, o mais bonito do vilarejo. Foi onde começou a história de Olhos d'Água, além de ser o único lugar que comporta um evento desse tamanho”, observa. O temor é de que a substituição acabe de vez com a feira, que é garantia de renda extra para muitos artesãos. “Foi nessa feira que expus minhas primeiras peças. Além de ajudar no sustento de famílias, também é um espaço que revela novos talentos do artesanato”, destaca Hilda.

Um dos argumentos em defesa da medida é o de que a feira não preserva mais a principal característica de sua origem: o escambo. Mas Hilda garante que, em todas as edições, guarda peças da sua produção destinadas especificamente para essa finalidade. “Quero que a tradição continue”, enfatiza. Neste fim de semana, a feira vai ocorrer em uma rua residencial, com área bem menor do que a que dispunha na Praça Santo Antônio. É um desrespeito à cultura local. A igreja não está se abrindo para toda a comunidade, apenas para os fiéis. A feira pode até ser em outro lugar, mas desde que a comunidade seja ouvida”, aponta. Segundo ele, a feira atrai cerca de 10 mil visitantes a cada edição.

O espaço é cercado de casas construídas em meados do século passado. A derrubada de quatro árvores que ficavam na praça também é alvo de reclamações de parte dos moradores.

Meio-termo

O comerciante Fabrício Nakamura, 46, defende um meio-termo como solução para o dilema entre a comunidade e a Paróquia

Material cedido ao Correio



Feira da Troca recebe cerca de 10 mil pessoas a cada edição e movimentou distrito. Artesãos da região e de outras partes do país se reúnem para vender e fazer escambo

Naum Giló



Hilda Freire expôs as primeiras peças de cerâmicas na feira e teme pela perda de clientes

de Santo Antônio. Ele defende uma reunião entre a comunidade e a igreja, como forma de achar uma solução para os dois lados. “O espaço não suporta mais o evento pela quantidade de gente que vem e artesãos que nada têm a ver com a feira”, avalia Nakamura, que também defende que os artesãos locais sejam priorizados na ocupação do espaço durante o evento. “Nunca vi a praça do jeito que está: suja e descuidada. A igreja tem culpa? Claro. Mas o poder público também”, reclama Fabrício, que denuncia uma suposta ausência da Prefeitura de

Alexânia na resolução do impasse. A moradora do distrito Maria Nonata, 38 anos, é a favor da mudança. “Porque a feira já não está sendo bem organizada. As barracas e os banheiros têm sido insuficientes nas últimas edições. Na última vez, o lixo ficou espalhado na praça por mais de uma semana”, lembra. Jandira Queiroz, 47, moradora há 40 anos de Olhos d'Água, avalia a mudança como um retrocesso nos ganhos sociais, históricos, econômicos e culturais que o vilarejo adquiriu em função da Feira da Troca. “Os visitantes

trazem progresso para Alexânia, que passou a ser mais conhecida por conta do vilarejo. A feira traz desenvolvimento econômico ao longo do ano, não só nas datas da feira”, diz. Queiroz também destaca toda a movimentação que a Feira da Troca proporciona ao comércio da localidade, gerando renda extra para restaurantes, hospedagens e artesãos.

Diocese e Prefeitura

Em nota, a Prefeitura de Alexânia lembra que o espaço



Os visitantes trazem progresso para Alexânia, que passou a ser mais conhecida por conta do vilarejo. A feira traz desenvolvimento”

Jandira Queiroz, moradora de Olhos d'Água

História

» Criada em 1974 pela professora da Universidade de Brasília (UnB) Laís Aderne, a feira teve seu início marcado por trocas de artefatos entre artesãos locais e visitantes. Desde então, se tornou um evento tradicional e emblemático, movimentando a região.

conhecido como Praça Santo Antônio é um imóvel particular pertencente à Diocese de Anápolis, que cedia o espaço voluntariamente para a Feira da Troca.

Sobre o corte das árvores, o Executivo municipal disse que a retirada foi feita mediante requerimento da Diocese e que, após avaliação técnica da Secretaria de Meio Ambiente local, foi constatado que três dessas árvores apresentavam troncos brocados e que nenhuma delas estava classificada como espécie em risco de extinção. Como contrapartida, a Diocese firmou o compromisso de plantar 30 árvores típicas do Cerrado nas proximidades do local onde as árvores foram derrubadas. A nota destaca, ainda, que o

serviço foi feito pela proprietária do imóvel e não pela Prefeitura.

A Diocese de Anápolis, também em nota, divulgada ontem, destaca que a revitalização da área que se encontra em andamento foi decidida com a anuência dos fiéis católicos, com o intuito de proporcionar um maior bem-estar para as famílias que residem em Olhos d'Água e confirmar o plantio de dezenas de espécies de árvores nativas do cerrado.

A organização religiosa ainda diz que não fez o comunicado de que a “Feira da Troca” não mais aconteceria no referido imóvel, sem, contudo, descartar o diálogo com o poder público municipal para a continuidade do referido evento em outro local situado no distrito de Olhos d'Água.

ANIVERSÁRIO

Moradores fazem festa para os 64 anos do Cruzeiro

» MARIANA SARAIVA

Uma das primeiras regiões administrativas a se erguer com Brasília, o Cruzeiro completou, ontem, 64 anos de fundação. Conhecida como parte do Plano Piloto, a região administrativa nasceu em 1959, fruto do projeto urbanístico da equipe de Lucio Costa, e nasceu com o nome de Setor de Residências Econômicas Sul (SRES) — atualmente o chamado Cruzeiro Velho, que anos depois receberia a companhia do Cruzeiro Novo.

Atualmente, cerca de 30 mil habitantes moram nas duas áreas, cercados por comércio e por 52 quiosques gastronômicos, que servem como ponto de encontro dos moradores mais boêmios da cidade. Característica reforçada pela fama da regional de um local tranquilo,

bom para morar e perto do centro de Brasília.

A pedagoga Andréa Soares, 30 anos, mora no Cruzeiro há cerca de 10 anos e conta que é uma cidade gostosa de se viver. “É bem aconchegante e fica praticamente no centro do Plano, então se chega bem rápido em tudo, não tem trânsito. Gosto bastante de morar aqui”, relata. Como forma de melhorar, a pedagoga acredita que seja necessária a implantação de passarelas.

O Cruzeiro também é símbolo do carnaval candango. Na cidade, fica o clube-escola de samba da Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro (Aruc), maior campeã do carnaval do Distrito Federal, com 28 títulos desde o início dos desfiles, em 1962. A servidora aposentada Iguaciane de Souza, 60, tem propriedade para

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



No aniversário da cidade que surgiu com Brasília, moradores falaram sobre as vantagens de viver nela

falar da cidade. Ela mora no Cruzeiro há 55 anos e chegou ainda na infância. “Onde a gente está agora (feira do Cruzeiro) era tudo cerrado. O pessoal vinha pegar caju aqui”, relembra. Ela acredita que a maior diferença da cidade, desde a época que chegou até agora, é que antes as crianças brincavam pelas ruas, o que,

atualmente, não acontece. “A cidade foi perdendo o espaço para os carros, o que fez com que perdesse os locais para as brincadeiras de ruas”, conta.

O vendedor Wellison Marinho, 23, mora no Cruzeiro há cinco anos e trabalha diariamente na feira permanente da cidade. Para ele, a região administrativa é

sinônimo de tranquilidade, onde todos se respeitam e cumprem a lei do silêncio. “Passou do horário não tem barulho na rua, é ótimo para quem gosta de ficar tranquilo”, explica. Mas como em toda cidade há desafios para vencer. Wellison acredita que o governo pode investir na prática de esportes para levar

entretenimento à população.

A comerciante Nair Vicente, 63, mora na região desde 1969. Foi na cidade que ela construiu a família e estabeleceu seu comércio de roupas. Para ela, um ponto positivo é que a cidade é centralizada. “Fica perto de tudo e muito acessível para as coisas do cotidiano.” Nair ressalta que o trânsito é muito bom, o que também gera qualidade de vida aos moradores.

A cidade ganhou de presente benfeitorias do Governo do Distrito Federal (GDF), resultando em mais de R\$ 783 mil investidos somente em 2023, além de um letreiro com o nome do Cruzeiro, em novembro, na Avenida das Mangueiras, via que dá acesso à região administrativa.

As celebrações em torno do dia do Cruzeiro seguem até sábado. Ontem, pela manhã, houve corte de bolo com apresentação da banda Marcial do Exército Brasileiro e a noite foi realizado um festival de louvor de adoração.